
O que é prosa? O que é poesia? Existem fronteiras estáveis entre uma e outra na escrita moderna e contemporânea? Com estas interrogações, a *Revista Abril* abriu-se à reflexão sobre a natureza do literário e a problemática das classificações de gênero, assim como sobre o problema da enunciação lírica ou narrativa que, por sua vez, se conecta com a postulação da “realidade” na literatura produzida em Portugal e em países de língua portuguesa na África e na Ásia.

Exatamente para assentar o tema, a discussão se inicia com a poeta, ensaísta e crítica literária portuguesa, Ana Marques Gastão, que, no artigo “Quando a prosa dança e a dança caminha”, retoma Paul Valéry quando diz que a prosa é marcha numa direção, enquanto a poesia é dança e não só não vai a lado nenhum, como se realiza em si mesma. No entanto, discorda do poeta-crítico e revela a quase impossibilidade de, em certos casos, se distinguir entre gêneros, como mostra o texto de Rilke que caminha e dança. Percorrendo esta perspectiva coreográfica, a autora revê os textos modernos de Fernando Pessoa, António Vieira e Yvette K. Centeno, desenvolvendo a ideia de, amiúde, ser impraticável e inútil tais classificações.

A seguir podemos observar contaminações entre gêneros em duas ficcionistas portuguesas contemporâneas, Teolinda Gersão e Maria Gabriela Llansol. No artigo “Ver e Andar com Teolinda Gersão”, Annabela Rita observa o modo como a narrativa gersiana organiza-se com uma ciclicidade que evidencia uma arquitetura ensaística, perspectivando o volume de contos *Histórias de Ver e Andar* (2002) como uma ‘exposição na sequência de uma reflexão interarte. Na sua galeria de personagens, a reflexão sobre a escrita torna-se experiência dela, em encenações de ficções que se descrevem na imagem iconicamente exposta. A ficção em autoefabulação convoca paisagens estéticas onde as artes se respondem (a literatura, o cinema, a pintura, a música), apresentadas por uma reflexão ensaística informada por uma concepção eminentemente teatral da arte, aproximando gêneros e suportes artísticos.

No artigo “Da escrita de textos ardentes: núpcias numa confluência de gêneros”, Maria Cecília Rogers Paranhos aborda o *Ardente texto Joshua* (1998), de Maria Gabriela Llansol, para mostrar como essa escrita rompe paradigmas, em especial pela transformação da figura do autor e pela postulação da realidade como o agenciamento próprio ao devir. Afastando-se da representação cristalizada do diário, aproxima o texto de Llansol a um “gaguejar” na própria linguagem, que faz oscilar os limites entre a prosa e a poesia.

Dois poetas portugueses da contemporaneidade recebem tratamento analítico nesta edição. No artigo “Quando o lírico e o narrativo se encontram em Nuno Júdice”, Maria Heloísa Dias examina dois poemas de uma obra de 1990 (*As Regras da Perspectiva*) com o objetivo de tornar visível a interpenetração de prosa e poesia na poética judiciana numa peculiar textualidade que se destaca pela metalinguagem como forma de interação entre faces da trama textual. A poesia de Júdice se afasta da especificidade de uma e de outra linguagem, e se tece no interior da própria distância, fazendo-se como processo autoconstitutivo e modificador, quer dos traços da poesia, quer dos traços da prosa.

No artigo “Carlos de Oliveira e a responsabilidade do falhanço”, Leonardo Gandolfi tenta mostrar, entre outras coisas, como a noção de tempo e memória em Carlos de Oliveira – traço fundamental em seus livros – ou ainda a perspectiva neorrealista – estão ligadas a uma derrota produtiva que o autor chamou de falhanço, mas que o ensaísta hesita entre “erro”, “derrota” ou “extravio”. Investigando o desencontro entre a utopia e a memória pessoal que se desloca para um desencontro entre voz (gesto) e escrita (registro), o articulista confronta a experiência do poeta com outras semelhantes no campo do cinema, nomeadamente com Rossellini e Visconti.

Voltado para a literatura goesa de língua portuguesa, o artigo produzido a quatro mãos por Hélder Garmes e Paul Melo e Castro, sob o título “Lirismo e conservadorismo na arena política: o conto “Shivá, brincando...” da escritora goesa Maria Elsa da Rocha”, apresenta uma leitura que tem por referência o contexto histórico de sua publicação, isto é, o momento que se seguiu ao fim do período colonial português e a subsequente integração de Goa à República da Índia. Marcado pela crescente presença de movimentos a exigir uma partilha mais justa da terra agrícola, o conto, de viés subjetivista, questiona o motivo de tais reivindicações e se coloca ao lado da manutenção da ordem social tradicional goesa.

Fechando esta seção de estudos, Maria de Lourde Soares, reconhecida pesquisadora da obra do filósofo português, em “O ensaio epistolar de Eduardo Lourenço: hibridismo, heterodoxia, liberdade”, discute a *dupla condição* ou *o lugar entre* do ensaísmo de Lourenço, refletindo sobre as questões de interseções e hibridizações entre ensaio, carta e texto literário.

Na seção de Entrevista/Resenhas, Carla Miguelote e Marleide Lima, conversam com a poeta portuguesa Ana Luísa Amaral que explicita, entre outros aspectos, os seus trajetos de escrita. A seguir, Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira apresenta o volume de crítica literária relativa à *Trilogia de Rebeldes* de Maria Gabriela Llansol, publicado por Carolina Fenati; e Giselle Veiga discorre sobre a recém-publicada coletânea de crônicas de Mia Couto.

Encerrando o volume, publica-se um excerto da última ficção de Teolinda Gersão, *A cidade de Ulisses*, recentemente lançada em Lisboa.

Niterói, abril de 2011

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira
Ida Alves
Organizadoras